

60 cópias

O Papel do Trabalhador Social no Processo de Mudança *

Parece-nos indiscutível que nossa primeira preocupação, em se tratando de discutir "o papel do trabalhador social no processo de mudança", deva ser a de refletir sobre esta própria frase.

A principal vantagem desse procedimento é que a frase proposta revelar-se-á diante de nós no seu sentido profundo. A análise crítica da frase nos possibilitará perceber a relação de seus termos, na formação de um pensamento estruturado, que envolve um tema significativo.

Não será possível — diga-se desde já — a discussão do tema contido na frase proposta se não se tiver dele uma compreensão comum, mesmo partindo de diferentes pontos de vista.

Esta análise crítica, que nos leva a uma apreensão mais profunda do significado da frase, supera a visão ingênua, que, sendo simplista, nos deixa na periferia de tudo o que tratamos.

Para o ponto de vista crítico, que aqui defendemos, o ato de olhar implica noutro: o de ad-mirar (**). Ad-

* Parte deste texto foi traduzido e adaptado pelo próprio Autor e publicado no livro *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, da Editora Paz e Terra (nota dos tradutores).

** Chamamos a atenção do leitor para a relação entre as palavras "mirar" (olhar) e "ad-mirar", no espanhol (nota dos tradutores).

miramos, e, ao penetrarmos no que foi admirado, o olhamos de dentro e daí de dentro aquilo que nos faz ver.

Na ingenuidade, que é uma forma “desarmada” de enfrentamento da realidade, apenas olhamos e, porque não admiramos, não podemos adentrar o que é olhado, não vendo o que está sendo olhado. Por isso, é necessário que admiremos a frase proposta para, olhando-a de dentro, reconhecê-la como algo que jamais poderá ser reduzido ou rebaixado a um simples clichê.

A frase em discussão não é um conjunto de meros sons com rótulo estático, “uma frase feita”. Como dissemos, envolve um tema significativo. Ela é, em si, um problema, um desafio.

Se apreciarmos a frase como um clichê, ficando na sua superfície, provavelmente não faremos outra coisa que discutir sobre outros clichês, que nos foram “depositados” ou, em outras palavras, sobre conceitos temáticos que nos foram propostos como clichês.

Assim, um trabalho de análise crítica do texto proposto, que nos permita a compreensão de seu contexto total, no qual se encontra o tema desafiador, vai nos possibilitar outro trabalho fundamental: a separação do contexto nas suas partes constitutivas.

Esta separação do contexto total em suas partes nos permite retornar a ele, de onde partimos, pela operação de ad-mirar, alcançando, desta maneira, uma compreensão mais vertical e também dinâmica de sua significação.

Se, depois da admiração do texto, que nos permitiu a compreensão do contexto total, procedemos à sua separação, constatamos através desta interação entre suas partes que, por isso mesmo, se nos apresentam como “co-responsáveis pela significação do texto”.

Ad-mirar, olhar por dentro, separar para voltar a olhar o todo-ad-mirado, que é um ir para o todo, um voltar para suas partes, o que significa separá-las, são operações que só se dividem pela necessidade que o espírito tem de abstrair para alcançar o concreto. No fundo são operações que se implicam dialeticamente.

Então, ao admirar por dentro a frase que contém um tema desafiador, ao separá-la em seus elementos, descobrimos que o termo *papel* acha-se modificado por uma expressão restritiva, que limita sua “extensão”: *do tra-*

balhador social. Nesta, por outro lado, há um qualificativo, *social*, que incide sobre a "compreensão" do termo *trabalhador*.¹

Esta subunidade da estrutura social, *papel do trabalhador social*, liga-se à segunda, o *processo de mudança*, que representa, conforme a compreensão da frase, "onde" o *papel* se cumpre através do conectivo *em*.

Contudo, há algo a considerar depois desta análise. É que através dela fica claro que o papel do trabalhador social se dá no processo de mudança. Esta é sem dúvida a inteligência da frase em estudo.

Esta não será, contudo, a mesma conclusão à qual chegaremos quando analisarmos não mais a própria frase, mas o quefazer do trabalhador social. Ao fazê-lo descobriremos um equívoco na frase proposta, pois o papel do trabalhador social não se dá no processo de mudança em si, mas num domínio mais amplo. Domínio do qual a mudança é uma das dimensões.

Naturalmente, este domínio específico no qual atua o trabalhador social é a estrutura social.

Por isso é que é preciso tomá-la na sua complexidade. Se não a entendemos em seu dinamismo e em sua estabilidade, não teremos dela uma visão crítica.

Efetivamente, a mudança e a estabilidade, o dinamismo e o estático, constituem a estrutura social.

Não há nenhuma estrutura que seja exclusivamente estática, como não há uma absolutamente dinâmica.

A estrutura social não poderia ser somente mutável, porque, se não houvesse o oposto da mudança, sequer a conheceríamos. Em troca, não poderia ser também só

1. A extensão de um termo é o número de indivíduos aos quais se aplica o termo. No caso do termo *papel*, sua extensão é o conjunto de quefazer que se pode chamar de *papel*. A compreensão, por sua vez, é a soma de qualidades que dão a significação do termo. Quanto maior é a compreensão de um termo, menor é sua extensão ou vice-versa. Entre os termos *homem* e *cientista*, este tem uma compreensão maior e uma extensão menor. Todo *cientista* é *homem* (genericamente falando), contudo, nem todo *homem* é *cientista*.

estática, pois se assim fosse já não seria humana, histórica, e, ao não ser histórica, não seria estrutura social.

Não há permanência da mudança fora do estático, nem deste fora da mudança. O único que permanece na estrutura social, realmente, é o jogo dialético da mudança—estabilidade. Desta forma, a essência do ser da estrutura social não é a mudança nem o estático, tomados isoladamente, mas a “duração” da contradição entre ambos.²

De fato, na estrutura social, não há estabilidade, nem mudança da mudança. O que há é a estabilidade e a mudança de formas dadas. Por isso se observam aspectos de uma mesma estrutura, visivelmente mutáveis, contraditórios que, alcançados pela “demora” e pela “resistência” culturais, mantêm-se resistentes à transformação.

Mas se toda a estrutura social, que é histórica, tem como expressão de sua forma de ser a “duração” da dialética mudança—estabilidade, é necessário que se tenha dela uma visão crítica. Quem são? São “em si” algo independente da realidade que comandam? Simples aparências?

Realmente, mudança e estabilidade não são um “em si”, algo separado ou independente da estrutura; não são um engano da percepção.

Mudança e estabilidade resultam ambas da ação, do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios que partem do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural.

O mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos.

2. “Duração” é um conceito bergsoniano, sinônimo de tempo real: Bergson o opõe ao de tempo artificial ou quantitativo dos matemáticos e dos físicos.

Considera a duração, como um processo, o aspecto mais importante da vida humana.

Ao aplicar seu conceito de “duração”, para caracterizar a contradição estabilidade-mudança como um processo que se dá permanentemente no tempo vivido pelos homens, não estamos aceitando seu intuicionismo na formação da realidade.

Mundo da opinião e mundo do saber. Mundo da ciência, da religião, das artes, mundo das relações de produção. Mundo finalmente humano.

Todo este mundo histórico-cultural, produto da práxis humana, se volta sobre o homem, condicionando-o. Criado por ele, o homem não pode, sem dúvida, fugir dele. Não pode fugir do condicionamento de sua própria produção.

Como dissemos antes, não há estabilidade da estabilidade, nem mudança da mudança, mas estabilidade e mudança de algo.

Assim, dentro deste universo criado pelo homem, a mudança e a estabilidade da sua própria criação aparecem como tendências que se contradizem.

Esta é a razão pela qual não há mundo humano isento desta contradição. Por isso, não se pode dizer do mundo animal que ele está *sendo*: o mundo humano só é porque está *sendo*; e só *está sendo* na medida em que se dialetizam a mudança e o estático.

Enquanto a mudança implica, em si mesma, uma constante ruptura, ora lenta, ora brusca, da inércia, a estabilidade encarna a tendência desta pela cristalização da criação. Enquanto a estrutura social se renova através da mudança de suas formas, da mudança de suas instituições econômicas, políticas, sociais, culturais, a estabilidade representa a tendência à normalização da estrutura.³

Desta forma, não se pode estudar a mudança sem estudar a estabilidade; estudar uma é estudar a outra. Assim também, tê-las como objeto da reflexão é submeter a estrutura social a essa mesma reflexão; como refletir sobre esta é refletir sobre aquelas.

Falar pois do papel do trabalhador social implica na análise da mudança e da estabilidade como expressões

3. A cristalização de hoje é a mudança que se operou ontem numa outra cristalização. Por isso é que nada de novo nasce de si mesmo, mas sim do velho que antes foi novo. Por isso também tudo o que é novo, ao tomar forma, faz seu "testamento" ao novo que nascerá dele, quando esgotar e ficar velho.

~~da forma de ser da estrutura social.~~ Estrutura social que se lhe oferece como campo de seu quefazer.

Deste modo, o trabalhador social que atua numa realidade, a qual, mudando, permanece para mudar novamente, precisa saber que, como homera, somente pode entender ou explicar a si mesmo como um ser em relação com esta realidade; que seu quefazer nesta realidade se dá com outros homens, tão condicionados como ele pela realidade dialeticamente permanente e mutável e que, finalmente, precisa conhecer a realidade na qual atua com os outros homens.

Este conhecimento, sem dúvida, não pode reduzir-se ao nível de pura opinião (*doxa*) sobre a realidade. Faz-se necessário que a área da simples *doxa* alcance o *logos* (saber) e assim canalize para a percepção do *ontos* (essência da realidade).

Este movimento da pura *doxa* ao *logos* não se faz, contudo, com um esforço estritamente intelectualista, mas na indivisibilidade da reflexão e da ação da práxis humana.

Na ação que provoca uma reflexão que se volta a ela, o trabalhador social irá detectando o caráter preponderante da mudança ou estabilidade, na realidade social na qual se encontra. Irá percebendo as forças que na realidade social estão com a mudança e aquelas que estão com a permanência.

As primeiras, olhando para frente, no curso da história, que também é futuridade que deve ser feita, têm uma atitude progressista; as segundas, olhando para trás, pretendem parar o tempo e assumem uma posição anti-mudança.

É necessário, porém, que o trabalhador social se preocupe com algo já enfatizado nestas considerações: que a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la.

Por isso, o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente à desumanização ou humanização, frente à permanência do que já não representa os caminhos do humano ou à mudança destes caminhos.

O trabalhador social, como homem, tem que fazer sua opção. Ou adere à mudança que ocorre no sentido da verdadeira humanização do homem, de seu ser mais, ou fica a favor da permanência.

Isto não significa, contudo, que deva, em seu trabalho pedagógico, impor sua opção aos demais. Se atua desta forma, apesar de afirmar sua opção pela libertação do homem e pela sua humanização, está trabalhando de maneira contraditória, isto é, manipulando; adapta-se somente à ação domesticadora do homem que, em lugar de libertá-lo, o prende.

Deste modo, a opção feita pelo trabalhador social irá determinar tanto o seu papel como seus métodos e suas técnicas de ação. É uma ingenuidade pensar num papel abstrato, num conjunto de métodos e técnicas neutras para uma ação que se dá entre homens, numa realidade que não é neutra. Isto só seria possível se fosse possível um absurdo: que o trabalhador social não fosse um homem submetido como os demais aos mesmos condicionamentos da estrutura social, que exige dele, como dos demais, uma opção frente às contradições constitutivas da estrutura. Assim, se a opção do trabalhador social é pela antimudança, sua ação e seus métodos se orientarão no sentido de frear as transformações. Em lugar de desenvolver um trabalho, através do qual a realidade objetiva, a estrutura social vá se desvelando a ele e aos homens com que trabalha num esforço crítico comum, se preocupará por mitificar a realidade. Em lugar de ater-se a esta situação problemática, que desafia a ele e aos homens com que deveria estar em comunicação, tenderá, pelo contrário, às soluções de caráter assistencialista. Em lugar de sentir-se, como trabalhador social, um homem a serviço da libertação, da humanização, vocação fundamental do homem, temendo a libertação na qual vê uma ameaça ao que considera sua paz, se encaminha no sentido da paralização. Encaminhar-se no sentido da paralização não é outra coisa senão pretender, com ações e reações, "norma-

lizar" a estrutura social através da ênfase na estabilidade, no seu jogo com a mudança.⁴

O assistente social que faz esta opção pode (quase sempre tenta) disfarçá-la, fingindo aderir à mudança, mas ficando, sem dúvida, ou com certeza, nas meias mudanças, que é uma forma de não mudar.

Um dos sinais da opção pela antimudança é a inquietude acrítica do trabalhador social diante das consequências da mudança; é um receio quase mágico à novidade, que é para ele sempre uma interrogação, cuja resposta parece ameaçar seu *status quo*. Por isso que em métodos de ação não há lugar a comunicação, para a colaboração, mas sim para a manipulação ostensiva ou disfarçada.

O trabalhador social que opta pela antimudança não pode realmente interessar-se pelo desenvolvimento de uma percepção crítica da realidade por parte dos indivíduos. Não pode interessar-se pelo exercício de reflexão dos indivíduos sobre a sua ação, sobre a própria percepção que possuem ter da realidade. Não lhe interessa a revisão da percepção condicionada pela estrutura social em que se encontram.

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isto não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles.

A percepção ingênua da realidade, da qual resultava uma postura fatalista — condicionada pela própria realidade —, cede seu lugar a uma percepção capaz de se ver.

4. Ainda que nosso pensamento nos pareça claro neste último parágrafo, sublinhamos, contudo, que a normalização à qual nos estamos referindo — daí colocarmos entre aspas o verbo "normalizar" — não é a de quem, pretendendo a mudança, necessita frear os que não a querem, mas a de quem, repelindo a mudança, luta por normalizar o *status quo*.

E se o homem é capaz de perceber-se, enquanto percebe uma realidade que lhe parecia "em si" inexorável, é capaz de objetivá-la, descobrindo sua presença criadora e potencialmente transformadora desta mesma realidade. O fatalismo diante da realidade, característico da percepção distorcida, cede seu lugar à esperança. Uma esperança crítica que move os homens para a transformação.

Evidentemente, este é o objetivo do trabalhador social que opta pela mudança. Por isso que seu papel é outro e que seus métodos de ação não podem confundir-se com aqueles já mencionados, característicos da opção pela antimudança.

O trabalhador social que opta pela mudança não teme a liberdade, não prescreve, não manipula, não foge da comunicação, pelo contrário, a procura e vive. Todo seu esforço, de caráter humanista, centraliza-se no sentido da desmitificação do mundo, da desmitificação da realidade. Vê nos homens *com* quem trabalha — jamais *sobre* quem ou *contra* quem — pessoas e não "coisas", sujeitos e não objetos. E se na estrutura social concreta, objetiva, os homens são considerados simples objetos, sua opção inicial o impele para a tentativa de superação da estrutura, para que possa também operar-se a superação do estado de objeto em que estão, para se tornarem sujeitos.

O trabalhador social que opta pela mudança não vê nesta uma ameaça. Adere à mudança da estrutura social porque reconhece esta obviedade: que não pode ser trabalhador social se não for homem, se não for pessoa, e que a condição para ser pessoa é que os demais também o sejam. Ele está convencido de que se a declaração de que o homem é pessoa e como pessoa é livre não estiver associada a um esforço apaixonado e corajoso de transformação da realidade objetiva, na qual os homens se acham coisificados, então, esta é uma afirmação que carece de sentido.

Humilde no seu trabalho, não pode aceitar, sem uma justa crítica, o conteúdo ingênuo da "frase feita" e tão generalizada segundo a qual ele é o "agente da mudança".

Em primeiro lugar, se ele fosse o "agente da mudança", não seria agente da mudança da mudança, mas agente da mudança da estrutura social.

Sua ação, como agente-da mudança, teria na estrutura social seu objeto. A estrutura social certamente não existe sem os homens que, tanto como ele, estão nela. Assim, reconhecer-se como o "agente da mudança" atribui a si a exclusividade da ação transformadora que, sem dúvida, numa concepção humanista, cabe também aos demais homens realizar. Se sua opção é pela humanização, não pode então aceitar que seja o "agente da mudança", mas *um* de seus agentes.

A mudança não é trabalho exclusivo de alguns homens, mas dos homens que a escolhem. O trabalhador social tem que lembrar a estes homens que são tão sujeitos como ele do processo da transformação. E se nas circunstâncias — determinadas — já mencionadas neste estudo, em que a estrutura social vem dificultando a transformação dos homens em sujeitos, seu papel não é o de reforçar o estado de objeto em que se encontram, achando que podem assim ser sujeitos, mas problematizá-los este estado.

Outro aspecto fundamental que não pode passar despercebido do trabalhador social é que a estrutura social, que deve ser mudada, é uma totalidade. O objetivo da ação da mudança é a superação de uma totalidade por outra, onde a nova não continue apresentando a contradição estabilidade-mudança que, como dissemos, constitui a "duração" da estrutura social, e também o histórico-cultural.

Se a estrutura social é uma totalidade, significa a existência em si de partes que, em interação, a constituem.

Uma das questões fundamentais que assim mesmo se coloca para o trabalhador social que opta pela mudança é a da validade ou não das mudanças parciais ou da mudança das partes, antes da mudança da totalidade.

Que se deve fazer: mudar as partes e assim alcançar a totalidade, ou mudar esta, para assim mudar aquelas que são seus componentes? ⁵

5. Descartamos, nesta discussão, uma distorção da percepção das partes, por sua absoluta ingenuidade. Referimo-nos à

Afirmamos neste estudo que não há mudança da mudança, nem estabilidade da estabilidade, mas mudança e estabilidade de algo.

A estabilidade e a mudança de uma estrutura e numa estrutura não podem ser vistas a um nível simplesmente mecânico, como alguns pensam, no qual os homens fossem simples objetos da mudança ou da estabilidade, que se fizeram com forças inumanas ou sobre-humanas, sob as quais os homens deveriam ficar dóceis e conformados.

Pelo fato de que não há estrutura social que não seja humana (e histórica) a estabilidade e a mudança de e em uma estrutura implicam a presença dos homens.

Estes por sua vez dividem-se entre os que desejam ou não a mudança ou a estabilidade.

Seria uma ilusão ingênua pensar que não se organizassem em instituições, organismos, grupos de caráter ideológico, para a defesa de suas opções, criando, em função destas, sua estratégia e suas táticas de ação.

O problema maior que se coloca àqueles que por questão de viabilidade histórica não têm outro caminho que o da mudança gradual das partes, com a qual pretendem alcançar a mudança da totalidade, consiste em: ao mudar uma das dimensões da estrutura, as respostas a esta mudança não tardam. São respostas de caráter estrutural e respostas de caráter ideológico. De um lado, são as demais dimensões da realidade que, ao se conservarem como estão, criam obstáculos ao processo de transformação da dimensão sobre a qual está incidindo a ação transformadora; de outro lado, são as forças contrárias à mudança que tendem a se fortalecer diante da ameaça concreta da mudança de uma das dimensões em transformação.

percepção das partes como absolutos em si, não tendo nada que ver umas com as outras na constituição da totalidade.

A realidade, nesta percepção, que gera uma concepção também falsa da ação, não chega a constituir uma estrutura no sentido próprio da palavra. Se presentifica focalistamente ao sujeito desta percepção. Desta maneira a ação que parte da concepção gerada nesta falsa percepção já nasce inoperante. Daí que, em lugar de se constituir em ação transformadora, fica nas soluções puramente assistencialistas.

Seria outra ingenuidade pensar que as forças contrárias à mudança não percebem que a mudança de uma parte promove a mudança de outra, até que chega a mudança da totalidade, como seria ingenuidade também não contar com a reação, sempre mais forte, a estas transformações parciais.

Esta é a razão pela qual uma estrutura social que vive este momento histórico tende a viver também, e necessariamente, o aprofundamento do antagonismo entre os que querem e os que não querem a mudança.

E na medida em que este organismo cresce, se instaura um clima de "irracionalidade", que gera novos mitos auxiliares para a manutenção do *status quo*.

O papel do trabalhador social que opta pela mudança, num momento histórico como este, não é propriamente o de criar mitos contrários, mas o de problematizar a realidade aos homens, ~~proporcionar a desmitificação da realidade mitificada.~~

Aos mitos, que são os elementos básicos da ação manipuladora dos indivíduos, deve responder não com a manipulação da manipulação que realizam os que estão contra a mudança. Isto não é possível pela simples razão de que a manipulação é instrumento da desumanização — consciente ou não, pouco importa —, enquanto a tarefa de mudar, de quem está com a mudança, só se justifica em sua finalidade humanista. É impossível servir a esta finalidade com instrumentos e meios que servem à outra.

Esta é a razão pela qual o trabalhador social humanista não pode transformar sua "palavra" em ativismo nem em palavreado, pois uma e outra nada transformam realmente. Pelo contrário, será tanto mais humanista quanto mais verdadeiro for seu trabalho, quanto mais reais forem sua ação e sua reflexão com a ação e a reflexão dos homens com quem tem que estar em comunhão, colaboração, em con-vivência.

Observemos outro aspecto, que se apresenta como outro ponto crucial na discussão da mudança de uma estrutura social e do qual o trabalhador social deve estar ciente.

Se é ingênua uma visão focalista da realidade, que a reduz a partes que nata têm a ver entre si na forma-

ção da totalidade, não menos ingênuo é ter da estrutura social uma visão focalista de fora. Isto é, uma visão que a absolutize. Assim, uma estrutura social como um todo encontra-se em interação com outras estruturas sociais.

Estas inter-relações podem dar-se ora em sociedades-sujeitos com sociedades-sujeitos, ora em sociedades-sujeitos com sociedades-objetos. O primeiro tipo caracteriza as relações entre sociedades “seres para si”; o segundo, as relações antagônicas entre sociedades “seres para si” e sociedades “seres para outro”.

Do ponto de vista filosófico, um ser que ontologicamente é “para si” se “transforma” em “ser para outro” quando, perdendo o direito de decidir, não opta e segue as prescrições de outro ser. Suas relações com este outro são as relações que Hegel chama de “consciência servil para a consciência senhorial”.⁶

A sociedade cujo centro de decisão não se encontra em seu ser, mas no ser de outra, se comporta em relação a esta como um “ser para outro”.

A ciência política, a sociologia, a economia, e não somente a filosofia, têm, nestas relações, objeto de suas análises específicas, dentro do quadro geral que constitui o que chamam de *dependência*.

Embora a verdadeira transformação de uma sociedade-objeto tenha de ser feita por seus homens, por ela mesma, e não pela sociedade-sujeito da qual depende, objetivamente não é possível negar o forte condicionamento ao qual está submetida neste esforço de sua transformação.

Esta é a razão pela qual nem sempre é viável a quem realmente opta pelas transformações fazê-las como gostaria e no momento em que gostaria. Além do desejo de fazê-las, há um viável ou um inviável histórico do fazer.⁷

Qualquer que seja o momento histórico em que esteja a sociedade, seja o do viável ou do inviável histórico, o

6. Hegel, *Fenomenologia del Espíritu*, Fondo de Cultura Económica, México, p. 66.

7. Nenhum inviável histórico o é hoje. Amanhã não necessariamente o será.

papel do trabalhador social que optou pela mudança não pode ser outro senão o de atuar e refletir com os indivíduos com quem trabalha para conscientizar-se junto com eles das reais dificuldades da sua sociedade.

Isto implica a necessidade constante do trabalhador social de ampliar cada vez mais seus conhecimentos, não só do ponto de vista de seus métodos e técnicas de ação, mas também dos limites objetivos com os quais se enfrenta no seu quefazer.

Outro ponto que também exige do trabalhador social uma reflexão crítica e que se encontra no centro destas considerações é o que tem relação com a "mudança cultural". Mudança cultural, da qual tanto se fala. Educação e mudança cultural, reforma agrária e mudança cultural, desenvolvimento e mudança cultural são algumas das expressões em que mudança cultural aparece, ora como um "associado conseqüente", ora como "um associado eficiente" do que fazer implícito nos termos a ela referidos: educação, reforma agrária, desenvolvimento, etc.

O que é mudança cultural? Antes de responder a esta pergunta, já estamos diante de outra. Que é cultural? Responder a esta pergunta implica pensar criticamente a estrutura social para tentar descobrir a forma pela qual se constitui.

A estrutura social precisamente por ser social é humana, e se não fosse humana seria uma simples "estrutura-suporte", como é para o animal que, "como um ser em si", não é capaz de "significá-la animalmente".

O homem, pelo contrário, transformando com seu trabalho o que seria seu suporte se não pudesse transformá-lo, cria sua estrutura, que se faz social e na qual se constitui o "eu social".⁸

Nas permanentes relações homem-realidade, homem-estrutura, realidade-homem, estrutura-homem origina-se a dimensão do cultural que em sentido amplo, antropológico-descritivo, é tudo o que o homem cria e recria.

8. Sobre o mundo humano e o suporte animal: *A propósito del tema generador*, Paulo Freire.

Cultural, no sentido que aqui nos interessa, é tanto um instrumento primitivo de caça, de guerra, como o é a linguagem ou a obra de Picasso.

Todos os produtos que resultam da atividade do homem, todo o conjunto de suas obras, materiais ou espirituais, por serem produtos humanos que se desprendem do homem, voltam-se para ele e o marcam, impondo-lhe formas de ser e de se comportar também culturais.

Sob este aspecto, evidentemente, a maneira de andar, de falar, de cumprimentar, de se vestir, os gostos são culturais. Cultural também é a visão que tem ou estão tendo os homens da sua própria cultura, da sua realidade.⁹

Assim, as expressões educação e mudança cultural, reforma agrária e mudança cultural, desenvolvimento e mudança cultural não têm a mesma significação nas estruturas sociais que estão em momentos históricos distintos.

A mudança cultural, num sentido amplo, será ou deixará de ser um "associado conseqüente" ou "eficiente" do que fazer conforme a estrutura social se encontre, concretamente ou não, em transformação.

Contudo, o fato de que uma estrutura social que se transforma totalmente provoque a mudança cultural como um "associado conseqüente" da transformação estrutural não significa que a nova estrutura não necessite de um trabalho dirigido para a mudança cultural. É isto porque o que se havia consubstanciado na velha estrutura continua na nova, até que esta, através da experiência histórica dos homens, "proporcione" formas de ser correspondentes não mais à estrutura anterior, mas à nova.¹⁰

No caso contrário, em que a estrutura social ainda não se transformou e na qual se enfrentam os que querem

9. "A percepção social é um produto, um derivado da estrutura das relações humanas". Robert K. Merton, *Teoria y Estructura Sociales*, Fondo de Cultura Económica, México, 2.^a edição, 1964, p. 117.

10. Isto nos parece um aspecto que deve ser criticamente estimulado em todas as dimensões do trabalho da Corpora-

e os que não querem a mudança, a mudança estrutural de qualquer quefazer só tem uma dimensão realmente importante em que possa aparecer como "associado eficiente" do quefazer.

Esta é a dimensão na qual se procura mudar a percepção que se tem da realidade, trabalho que tem de prosseguir, como afirmamos, mesmo quando a estrutura esteja transformada na sua totalidade. Neste momento, pelo que já foi dito, com facilidades que antes não havia.

A mudança da percepção da realidade, que não pode dar-se a nível intelectualista, mas na ação e na reflexão em momentos históricos especiais, além de ser a única possibilidade de ser tentada, torna-se, como "associado eficiente", instrumento para ação da mudança.

Desta forma, a realidade objetiva, ao condicionar a percepção que dela têm os indivíduos, condiciona também a forma de enfrentá-la, suas perspectivas, suas aspirações, suas expectativas. Condiciona também os vários níveis de percepção que, por sua vez, explicam as formas de ação dos indivíduos.

Até o momento em que uma realidade for vista como algo imutável, superior às forças de resistência dos indivíduos que assim a vêem, a tendência destes será adotar uma postura fatalista e sem esperança. Ainda mais e por isso mesmo, sua tendência é procurar fora da própria realidade a explicação para a sua impossibilidade de atuar.¹¹

A percepção mágica da realidade, por ela condicionada, provoca uma ação também mágica diante dela, através da qual o homem tenta defender-se do incerto.¹²

ción de la Reforma Agraria nas bases. A nosso ver, as atividades de base, quaisquer que sejam, as de assistência técnica em seus múltiplos aspectos, como as sanitárias, são meios para a autêntica promoção rural. Promoção na qual se encontra implícita a mudança cultural, que provoca a mudança das atitudes, da valorização, etc. De forma que os técnicos que trabalham numa base não podem exercer sua técnica por ela mesma — o que tende à mitificação da técnica — mas, ao fazer dela um instrumento de promoção humana, fazem com que a técnica tenha sentido.

11. Em torno das "Situaciones limite e o viável histórico", tema correspondente ao estudo destas considerações, ver Paulo Freire, *A Propósito del tema generador*.

Poder-se-ia dizer que a mudança da percepção só seria possível com a mudança da estrutura, por causa do condicionamento que esta exerce sobre aquela.

Tal afirmação, tomada de um ponto de vista acriticamente rigoroso, pode levar a interpretações mecanicistas das relações percepção—mundo.

Por outro lado, para evitar qualquer confusão entre a nossa posição e uma atitude idealista, é necessário esclarecer o que entendemos por mudança de percepção.

Reconhecemos — e já o afirmamos — que só podemos entender o homem no mundo.

Sabemos que a verdade do mundo não se encontra só no “homem interior”, pois este só existe porque pode ser dicotomizado do mundo *em* e *com* o qual se fala.

A mudança de percepção da realidade pode dar-se “antes” da sua transformação, se se excluir do termo “antes” o significado de dimensão estática do tempo, com que se pode apelidar a consciência ingênua.

A significação de “antes”, aqui, não é a do sentido comum, nem a do sentido gramatical. O “antes”, aqui, não significa um momento anterior, separado de outro por uma fronteira rígida. O antes, pelo contrário, toma parte no processo, participa da estrutura social, envolvendo os homens, seja como um passado que foi presente, seja como um anterior-presente à estrutura.

Desta forma, a percepção distorcida da realidade, neste “antes” da mudança estrutural, pode ser mudada,

12. “Partindo destas observações cheias de significado (o autor se refere a observações realizadas por Malinowski) formula sua teoria de que a crença mágica servia para diminuir a incerteza nas atividades de ordem prática do homem, para fortalecer sua confiança, para reduzir sua ansiedade e para abrir vias de escape em situações aparentemente sem saída. A magia representa uma técnica suplementar para conseguir certos objetivos práticos.”

O autor chama a atenção ainda sobre o fato de que Malinowski introduziu na teoria da magia, através de suas observações, novos elementos, tais como as relações entre a magia e o acaso, a magia e o perigo e a magia e o incontrollável. Robert K. Merton, *Teoria e Estructura Sociales*, Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 118.

na medida em que o "hoje", no qual se está verificando o antagonismo entre mudança e estabilidade, já é em si um desafio que a põe à prova.

Quanto mais agudo este antagonismo, mais se revela a realidade que condiciona tal percepção e isto é suficiente para que nela se verifique a mudança.

Assim sendo, aproveitando este clima característico do "anterior-presente", cabe ao trabalhador social, problematizando para o homem o que se opõe ao seu "hoje-anterior-presente" da mudança estrutural, tentar a mudança de sua percepção da realidade.

Por isso repetimos que esta mudança de percepção não é outra coisa senão a substituição de uma percepção distorcida da realidade por uma percepção crítica da mesma.

Esta mudança de percepção, que se dá na problematização de uma realidade concreta, no entrecchoque de suas contradições, implica um novo enfrentamento do homem com sua realidade. Implica ad-mirá-la em sua totalidade: vê-la de "dentro" e, desse "intericr", separá-la em suas partes e voltar a ad-mirá-la, ganhando assim uma visão mais crítica e profunda da sua situação na realidade que não condiciona. Implica uma "apropriação" do contexto; uma inserção nele; um não ficar "aderido" a ele; um não estar quase "sob" o tempo, mas no tempo. Implica reconhecer-se homem. Homem que deve atuar, pensar, crescer, transformar e não adaptar-se fatalisticamente a uma realidade desumanizante.

Implica, finalmente, o ímpeto de mudar para ser mais.

A mudança da percepção distorcida do mundo pela conscientização é algo mais que a tomada de consciência, que pode inclusive ser ingênua.

Tentar a conscientização dos indivíduos com quem se trabalha, enquanto com eles também se conscientiza, este e não outro nos parece ser o *papel* do trabalhador social que optou pela mudança.